

RESENHA DE JOGOS DE VERDADE, DE CHRIS RITCHIE, COM ILUSTRAÇÕES DE MARCELA PIALARISSI

REVIEW OF JOGOS DE VERDADE, BY CHRIS RITCHIE, WITH ILLUSTRATIONS BY MARCELA PIALARISSI

LUIZ EDUARDO ANDRADE *

Obra resenhada: RITCHIE, Chris. *Jogos de verdade*. Ilustrações de Marcela Pialarissi. Londrina: Instituto Chico Santos, 2022. 80 p.

O livro *Jogos de verdade*, de autoria de Chris Ritchie e ilustrações de Marcela Pialarissi (1ª edição, Instituto Chico Santos), é composto por 30 poemas que abordam variados assuntos relacionados ao desenvolvimento infantojuvenil, sobretudo à dimensão humana dos afetos e do lugar do ser no mundo. A obra contém um projeto gráfico-editorial criativo que destaca a preocupação da ilustradora em ampliar os sentidos dos poemas por meio da experiência sensorial dos leitores. Os desenhos são um recorte a mais a ser estudado dialeticamente ao texto.

As características literárias presentes no livro, como a escolha cuidadosa das palavras, o ritmo dos versos e a riqueza das imagens poéticas, contribuem para despertar nos leitores o prazer da leitura, incentivando-os a explorar as várias camadas da linguagem criativa. Os poemas, em geral, fogem à estrutura tradicional com versos e rimas, sem perder, contudo, a musicalidade esperada na poesia. A poeta demonstra cuidado na elaboração das imagens utilizando recursos literários como metáforas, onomatopeias, metalinguagem, a fim de transmitir sensações e imagens vívidas.

Tanto a composição temática quanto os experimentos das formas colaboram para visualizar um uso singular da linguagem. Poemas como “Caminhada” exploram as formas da linguagem como jogo de palavras e ideias que estimulam a fruição literária. O vocábulo “pé” é experimentado em sua polissemia, a exemplo: “Um pé, dois pés. / Teste do pezinho / em pé: / Pé de sapato / Pé de moleque / Bicho-de-pé / Pontapé /

* Professor de literatura na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil. luizandrade@fale.ufal.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6436-8758>

Pé-de-pato / Pé de atleta / Na ponta do pé” (p. 26). A fruição consiste na descoberta oferecida ao leitor acerca das várias formas de combinar um vocábulo monossilábico, comum na primeira infância, e expandir os significados.

Os poemas abrangem uma variedade de temas, muitos dos quais abordam as complexidades que enovelam as descobertas da vida. O percurso poético da elaboração e organização dos poemas demonstra uma crescente no que se refere à reflexão metalinguística de como funciona a escrita poética. Poemas como “Ofício”, “Princesa Geral da Dinamarca”, “A graça” e “Ovo ou amor?” mostram como escrever demanda pensar formas, imagens, palavras, temas, referências até chegar à composição final do texto. O leitor é convidado à leitura inicialmente para perceber a palavra enquanto experimento de elaboração textual. Cumpre assim entender dentre as funções da linguagem a dinâmica da escrita em seu nível primário.

Poemas como “Ofício”, nos versos “Minha mente revolve espaços, / germina sonhos de subsistência / que recolho em palavras e planto em livros” (p. 7), são escritos a partir da metalinguagem, como reflexão do fazer poético pelo próprio poema. O gênero receita culinária é convertido em poesia no poema “Ovo ou amor?”, quando nos versos “Bate de quina, / quebra a casca. / Separa a clara / da gema e encara / a neve à esquerda, / à direita, o sol” (p. 14), o jogo da escrita convida a pensar o desenvolvimento do amor como um processo que demanda gestos semelhantes ao preparo de uma comida.

A diagramação dos poemas é mais um aspecto a se notar. A linguagem em sua dimensão visual, inclusive do signo linguístico, é pensada na concretude da palavra. Em meio a isso, as fases do desenvolvimento da criança são emuladas justamente pelas formas que os poemas tomam. A forma de diagramar estabelece um jogo verbo-visual que estimula o pensar estético da composição poética. A potência da relação entre forma e conteúdo, mas não só, é pensada nos poemas “Mostrador”, “Vasos”, “Em números”, “Truque de circo”, “Gatinho” e “Amarelinha”.

Poemas como “Mostrador” garantem uma variedade de sentidos geralmente conectados pela descoberta da palavra. O poema citado está formatado como um relógio em que os números correspondem a fases da vida da criança, a exemplo de “1 covinha na mão / 2 sorriso banguela / 3 poderes do não / 4 cabelo descabela / 5 preocupações mortais” (p. 33). A passagem do tempo do relógio cronológico é

convertida em relógio biológico, e a forma sustenta a familiaridade com o mostrador de horas, de modo que o poético é perceber as fases do desenvolvimento da criança nessa perspectiva do tempo.

O poema “Vaso” está contido em um desenho de vaso, como se forma e conteúdo se plasmassem uma na outra pela realidade textual emanada da linguagem literária. A poeta aproveita a imagem do vaso desenhada na página e atribui aos vasos a metáfora do percurso de vida. O infinito dos números é transposto do universo da pura abstração para os ciclos da vida objetiva em seus percalços no poema “Em números”, quando a contagem numérica acompanha o texto poético: “28, 29, 30 / vidas pra viver / 31, 32, 33 / vezes pra desistir / E o mais / infinito pra recomeçar” (p. 35). No poema “Truque de circo”, a adequação temática estimula o lúdico da magia que é descobrir a palavra tal qual a fantasia da mágica é aceitar que os olhos sejam enganados pelo truque intencional.

A exploração artística de temas como a finitude do ser, a complexidade dos afetos, a moral e a autoimagem aparecem no poema “Metade canção”, nos versos “Eu sou a carne etérea que anseia / por todo amor do mundo, como todo mundo. / Eu sou o sorriso que sai da sua boca / porque sou sempre eu quem sorri primeiro. / E ainda sou má, às vezes louca, / porque eu não sou nada por inteiro” (p. 51). Outro exemplo de experiência estética produtiva está no poema “Vida em Marte”, quando os versos “Mas continuamos irremediavelmente sós, / contorcidos seres filetados / debatendo-nos contra muros altos” (p. 49), o eu-lírico declara sua solidão, suas preocupações, incertezas e inseguranças como problemas “grandes” frente às macrodescobertas do universo.

Em seguida a experiência de leitura é conduzida por temas que estimulam a reflexão acerca das subjetividades que circundam o universo dos jovens que estão na adolescência. Poemas como “Desatentos”, “Assopro”, “Que cor de batom?”, “Legenda do post oficial”, “Mau-mau x Bombom” e “Superpoderes” percorrem as dúvidas inerentes a qualquer pessoa nesta fase. Os poemas destacam os afetos que atravessam as inseguranças, as identidades, os questionamentos existenciais, enfim o amadurecimento.

Os conflitos da primeira juventude aparecem em “Desatentos”, nos versos “tem uma alegria escondida, / a paixão cega acende a íris, / cresce indistinta à indiferença, / a dor mais profunda” (p. 18), apresentam o jovem em suas descobertas amorosas, apatia ao mundo, exagero de afetação; na mesma esteira as reflexões existenciais são mostradas em “Superpoderes”, quando nos versos “Eu quero o poder da alegria, /

aquele que mata de rir / até o vilão mais triste” (p. 25), cujo heroísmo remete à formação da subjetividade sem perder de vista o estímulo ao lúdico.

Em “Assopro”, os versos dizem: “A vida às vezes dá / uma raiva danada, / é porco-espinho / pedindo abraço, / um desaforo triste / que espeta na gente / e fica difícil de abandonar. / Aí chega alguém, / assopra onde arde, / a gente se acalma / e depois que passa / nem vê cicatriz” (p. 63). O eu-lírico percebe como lidar com o outro requer reflexão e paciência, cuja conversão social e filosófica permite pensar o convívio em sociedade e o desenvolvimento dos circuitos dos afetos que unem as pessoas.

Já o amadurecimento da criança-mulher é exposto em “Que cor de batom?”, quando os versos “Cedo demais pra ser verdade. / Claro demais pra ser marrom. / Barato demais pra ter qualidade. / Doce demais pra ser bom. [...] / Com tanta crença arraigada, / a realidade surpreende, assusta até, / quando ela mostra a cara lavada” (p. 29). Sem as leituras preconcebidas escondidas pelo jugo da moral distorcida, a obra proporciona abertura de temas que convidam à participação criativa, instigando os leitores e as leitoras a estabelecerem relações com suas experiências.

Como se vê, “Que cor de batom?” é centrado na figura feminina, vide também a silhueta dos desenhos na página, exemplificando a questão do gênero ao ironicamente mostrar como a decisão da cor do batom envolve julgamentos morais sobre a liberdade da mulher desde criança. A poeta absorve o discurso que sabidamente é utilizado para inferiorizar a imagem da mulher e questionar os desejos também durante a vida adulta. Assim, Chris Ritchie demonstra sua identificação com poetisas contemporâneas como Ana Cristina César, Rupi Kaur, Marina Colasanti, Adélia Prado, Martha Medeiros, Aline Bei e Chimamanda Ngozi Adichie.

Sem proselitismo, os poemas de *Jogos de verdade* abordam temas sensíveis como o debate racial e de gênero. Sobre isso cabe destacar que a obra é uma elaboração de autoria feminina, motivo pelo qual já se permite refletir sobre subjetividades específicas. Por outro lado, a voz intrínseca aos poemas, em muitas passagens, assemelha-se ao olhar observador e ainda infantil de uma pessoa que ainda não despertou integralmente para as complexidades sociais e psíquicas. Há de se considerar também o impedimento inerente à composição poética decorrente do lugar social e simbólico ocupado pela poeta, que objetivamente se recusa a performar um lugar de fala que desgastaria a verossimilhança da obra.

Os poemas “Rosa e azul” e “A dança dos dedos” trazem uma reflexão legítima da questão de gênero e de raça/etnia. Em “Rosa e azul”, os versos “Mas estão lá as duas pensando: / Quando começa o pique-esconde?” (p. 22) mostram como as preocupações da criança, no sentido da infância, com o jogo de pique-esconde, passam ao largo das separações binárias de gênero, representados pelas cores rosa e azul.

Em “A dança dos dedos”, cujos versos “Não porque no sonho eu fosse mais forte, / isso depende de coração, não de pele. / Mas era porque eu preta teria uma família / muito outra,” (p. 61) expõem sem dogmatismo nem preconceito o lugar da autora como mulher branca que pensa a questão racial a partir de sua percepção, hoje adulta, em perspectiva à compreensão de quando era uma criança. O poema não performa uma voz negra, mas se coloca numa condição de valorização da cultura alheia pelo discurso de uma mulher branca que não intervém no lugar do outro, senão mostra a partir de sua observação o que enxerga na diferença. Nesse caso o desejo de receber os carinhos de uma “mãe preta” transcendem a questão da cor para a dimensão da “mãe” como categoria universal. Certa indistinção entre os lugares sociais do eu-lírico representa um olhar humano e abrangente, sem reforço a qualquer imagem que negue o valor de perspectivas individuais e experiências culturais diversas.

Em mais uma sequência de poemas novas questões aparecem. A riqueza das formas e dos conteúdos contribui para a expansão do repertório cultural, artístico e linguístico quando faz citações a personalidades das artes, da literatura, do cinema, além da forma como trabalha o fazer literário a partir dessa interrelação direta com outros textos e imagens. As referências a personalidades das artes como Shakespeare, Renoir, Miró, Woody Allen, Dante despertam a intertextualidade implícita nessas menções.

Cabe destacar no poema intitulado “Wood Allen” (p. 45) que o fazer artístico mimetiza questões típicas da filmografia de Allen, como a dificuldade de suas personagens lidarem com as contradições, a exemplo dos versos “Porque o amo / não quer dizer que não o ame / de vez em quando. / Porque não o amo / não quer dizer que o ame / quando não o digo” (p. 45). A intertextualidade indicada explicitamente pelo título do poema acrescenta uma camada interpretativa, demandada pelo conhecimento – ou sugestão – dos filmes do diretor norte-americano. A poeta aproveita o estilo do cineasta para compor um poema que conversa com as “neuroses refletidas pelas personagens” do cinema de Allen.

Por fim, *Jogos de verdade* é um livro que amadurece a sua poesia à medida que acompanha o desenvolvimento humano desde a infância. A poeta pensa a aquisição da linguagem, desde as primeiras letras, os primeiros questionamentos infantis, as fases da vida às questões complexas de se colocar na língua e pela língua na contemporaneidade. É uma leitura rica que interessa não só aos adolescentes, mas também aos adultos, especialmente a quem já se deu aos cuidados maternos e paternos, e sentiu como a mágica do cuidado revela experiências e afetos tão sublimes quanto a poesia.

Submetido em 28 de maio de 2024

Aprovado em 23 de outubro de 2024

Publicado em 25 de maio de 2025
